

Caipirismo é o mal que atinge o Brasil

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O que falta ao Brasil, no momento, é um analista grave e sutil, servindo de excelente cultura e de invulgar dose de penetração na sociedade, assim capaz de elaborar não uma mera Constituição, coisa que até o dr. Chico Campos fazia em cima da perna, mas um autêntico Tratado Geral do Estado Caipira, pois é a esse lamentável estado de coisas que está, hoje, reduzido o País.

Na verdade, o Brasil, do poeta maranhense José Sarney, a quem pessoalmente não faltam hábitos, qualidades e mesmo a apreciada elegância dos nossos simpáticos hermanos mexicanos, velhos profissionais e cultores da lucrativa militância contra os Estados Unidos, é atualmente um vasto território ora em mãos não mais dos clássicos senhores e escravos, que construíram a chamada maior civilização "sob os trópicos", mas de uma refinadíssima e desfrutável elite de políticos trambiqueiros burocratas beradeiros, astuciosos, tabaréus e mocoróngos, aos quais os nossos ex-generais-presidentes, sempre nacionalistas e estatizantes, decidiram entregar as rédeas que controlam o destino de 140 milhões de brasileiros. Cento e quarenta milhões de cidadãos, hoje, obviamente, sumamente aturdidos diante do espantalho de uma Constituinte, maciçamente centrista, e que cede todavia a qualquer ameaça partida dos Covas e outros demagogos de esquerda, minoritários e insolentes, que ocupam, porém, os melhores espaços na comunicação, oficial e privada, encostando na parede quantos caíam na tolice de defender uma verdadeira economia de mercado ou a liberdade individual de criar e multiplicar riquezas. Essa herança de generais-presidentes, como Geisel e Figueiredo, principalmente, e que ainda teimam em ostentar prestígio e influência fingidos, como se a memória da Nação e os péssimos exemplos que deram aos brasileiros não mais existissem ou já estivessem recalçados definitivamente à zona morta, onde vegetam tolos e imbecis. Não é sem motivos profundos que a Nação anda, agora, à matroca, à deriva, à mercê de eminentes inspiradores de uma "teoria geral do Estado caipira" — e caipira não no velho e folclórico sentido no qual o situaram estudiosos e intérpretes da alma popular, como Cascudo, Leota ou Cornélio Pires, para não acrescentar um Monteiro Lobato, mas naquela trônica interpretação, de que admiravelmente se serviu o cético e admirável mestre Capistrano de Abreu, a fim de lamentar que não raros brasileiros só se considerassem altamente inteligentes e capazes, em verdade apenas por serem animais eficazes na sua renitente solécia ou ladinice sem fronteiras.

Afinal, que terá feito o povo brasileiro de tão ruim, de tão perverso, de tão minúsculo, contra a sua própria alma e natureza, para merecer esse dilúvio de mediocridades, que tomou de assalto os governos federal e estaduais, o Congresso Constituinte e as antigas assembleias provinciais e municipais? Que terá feito o Brasil para ter, no Planalto, um chefe de governo e de uma equipe ministerial sem rumo e sem autoridade, vogando sobre águas tempe-

tuosas, como uma já devidamente enrugada garrafa de poire, lançada do convés de um "Titanic" em seis derradeiros delírios dionisíacos? Pois basta fitar a galeria dos homens, que, presentemente, comandam o Brasil e sentir, de imediato, que eles, quando muito, trazem estampada no rosto aquela melancolia infrene, senão aquele ar obsessivo e insaciável dos que teimam em participar do "fim de festa", antes que as luzes se apaguem e a escuridão volte a reinar completamente?

Não há nada tão nítido e setertemente caipira como a fisiologia dos atuais celebrados estadistas da novíssima República, que não conseguem ocultar, por um instante sequer, a própria pequenez e mediocridade, representadas em seus pronunciamentos, nas idéias legislativas, nos atos administrativos; mas, sobretudo, no dia-a-dia político, este mercado, minuto a minuto, pelo mais ignóbil e torpe fisiologismo. Que estranha maldição foi essa, da ignota Providência, quando decidiu repovoar a vida nacional com tais personagens, nos moldes intelectuais e até, em alguns casos, morais, dos srs. Newton Cardoso, Orestes Quércia, Miguel Arraes, Ulysses Guimarães, Mário Covas, Leonel Brizola, e tantos outros herdeiros, previamente escolhidos pelos, subtidos e patrióticos designios de honradíssimos generais, como acreditam que são, os srs. Geisel e Figueiredo?

Já não se precisa computar, aí, entre tão diversos e projectos caipiras, um personagem, como esse sr. Paulo Maluf, que continua, isoladamente, a ser um raro e perigoso precedente da teratologia a caminho do poder.

Nem sequer a "esquerda" escapa ao trágico destino deste histórico momento caipira em que mergulhou a vida pública brasileira: nossos comunistas, socialistas e populistas são também consumados caipiras, ostentando o já surrado besteirol anticapitalista, cediço arsenal, esfaizante e nacionalsteiro, como se o mundo de hoje respirasse o mesmo clima das décadas de 30-40. Porém, a crise caipira maior é talvez a do clero tupiniquim: a batina, antes considerada, no mínimo, coisa erudita, no Brasil, está, agora, a implorar socorro ao Mobral. Bispos e padres, dantes tão reacionários, e ora tão modernos e avançadinhos, não apenas viraram, largamente, uns iletrados, para não dizer de fato analfabetos, como desaprenderam o latim, a filosofia, além da moral e do velho bom senso comum. São, hoje, caipiras "revolucionários", trêfegos, ignorantes, incompetentes, a serviço da agitação e da baderna, na cidade e no campo. A própria sociedade brasileira está evoluindo, terrivelmente, para o caipirismo mais atroz e sinistro. Como é ainda caipira um certo empresário, orientado por pelegos de lá, nacionalistas e adoradores contumaz de empresas estatais, onde acontecem vastas negociações, e que só esperam nas ante-salas ministeriais o momento propício de tirar a sua sardinha com mãozinha de gato. O Brasil anda podérrimo de chique no seu caipirismo militante. Só faltam engrossar as fileiras dessa nova concepção de vida os militares. Será que também há generais, almirantes e brigadeiros caipiras no Brasil?

N. M.